

França teme o mau exemplo

REALI JUNIOR
Nosso correspondente

PARIS — O receio de que a decisão do governo brasileiro, suspendendo o pagamento dos juros de sua dívida externa, possa ser acompanhado por outros países devedores, transformando-se numa verdadeira "bola de neve", está conduzindo os meios financeiros europeus, oficiais ou privados, a empregarem um tom moderado e discreto quando analisam o problema. Ontem, o jornal econômico **Les Echos** referia-se a uma disputa de "braço de ferro", entre os países da América Latina e seus credores, citando as manifestações de apoio à posição brasileira de países como Argentina, Peru, Venezuela, além de outros da América Central. O próprio primeiro-ministro francês, Jacques Chirac, em declaração feita no último fim de semana, abordou o problema da dívida, assimilando a noção de co-responsabilidade de credores e devedores que aos poucos vai sendo admitida por todos e a partir da qual poderá se encontrar uma saída para o impasse.

Se o Brasil insiste em afirmar que não procura nenhum confronto

com seus credores, a recíproca também parece ser verdadeira. Tanto nas áreas oficiais como privadas, autoridades governamentais e banqueiros chamavam atenção para a necessidade de se buscar soluções para o problema brasileiro. Ontem, os bancos franceses envolvidos com a dívida brasileira estudaram suas posições, realizando também consultas entre si.

Ao contrário de outros tempos, essa noção de co-responsabilidade em relação à dívida dos países em desenvolvimento já está sendo assimilada por diversos dirigentes de países desenvolvidos. Anteriormente, o próprio Jacques de Larosière, ex-diretor do FMI e atual governador do Banco Central, já havia partilhado essa idéia, retomada pelo documento da Comissão Justiça e Paz do Vaticano. Agora é o próprio chefe do governo conservador da França, Jacques Chirac.

A seu ver, "os países industrializados estimularam as nações em desenvolvimento a contrair empréstimos, criando facilidades numa época em que a sedução era grande, pois os

mercados financeiros viviam inundados de petrodólares".

O jornal **Les Echos** critica a posição assumida pelo presidente José Sarney, afirmando, por exemplo, que ele reiterou em seu discurso a disposição de não ceder ao FMI, mas que terá que se curvar diante da triste realidade: "O gigante de pés de argila do continente sul-americano não se encontra em posição de ditar suas condições aos 700 bancos credores e às autoridades financeiras internacionais". Também o jornal **Le Monde** está convencido de que a moratória decidida pelo Brasil vai pesar nas negociações de outros países latino-americanos que se encontram em fase de renegociação de suas dívidas. Cita o governo da Venezuela, que não pensa em suspender as negociações atuais, mas cujo ministro de Finanças, Manuel Azpurua, não escondeu uma referência à posição brasileira para obter melhores condições de reembolso. Outra citação é do governador do Banco Central da República Dominicana, Luis Julian Perez, que deve reembolsar cerca de US\$ 700 milhões este ano de sua dívida de US\$ 4,2 bilhões. Segundo ele, seu país poderá imitar o Brasil.